

AS CIGARRAS (HEMIPTERA: CICADIDAE) NA VISÃO DOS MORADORES DO POVOADO DE PEDRA BRANCA, BAHIA, BRASIL

Eraldo Medeiros Costa Neto

Profesor Adjunto del Departamento de Ciências Biológicas de la Universidade Estadual de Feira de Santana, Km 03, BR 116, 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil. Fone (Fax): 55 75 3224-8019 – eraldont@hotmail.com

Resumo: Este artigo discute o modo como as cigarras (Hemiptera: Cicadidae) são percebidas, conhecidas e usadas pelos moradores do povoado de Pedra Branca, que está localizado no município de Santa Terezinha, Estado da Bahia, Nordeste do Brasil. O trabalho de campo foi conduzido de fevereiro a maio de 2001, realizando-se entrevistas semi-estruturadas com 26 indivíduos do gênero masculino e 38 do gênero feminino, cujas idades variaram dos 5 aos 84 anos. Os resultados mostram que os indivíduos identificam três tipos de cigarras. Foram registrados conhecimentos tradicionais sobre etnotaxonomia, comportamento, ciclo de vida, reprodução e hábitos alimentares das cigarras. Também foram registradas informações sobre associação do canto das cigarras com condições climáticas e o uso desses insetos como brinquedo pelas crianças. Conclui-se que o conhecimento entomológico tradicional dos moradores de Pedra Branca relativo às cigarras é racionalmente coerente com o conhecimento entomológico acadêmico, tornando-se uma fonte de informação significativa sobre as espécies locais, sua biologia e comportamento.

Palavras-chave: Hemiptera, Cicadidae, cigarras, etnoentomologia, conhecimento popular, Brasil.

Cicadas (Hemiptera) as perceived by the inhabitants of the Pedra Branca settlement, Bahia, Brazil

Abstract: This paper discusses how cicadas (Hemiptera, Cicadidae) are perceived, known and used by the dwellers of the Pedra Branca settlement, situated in the municipality of Santa Terezinha, State of Bahia, north-eastern Brazil. Fieldwork was carried out from February to May 2001 by performing open-ended interviews with 26 males and 38 females whose ages ranged from 5 to 84 years old. Results show that individuals identify three types of cicadas. Traditional knowledge on ethnotaxonomy, behavior, life-cycle, reproduction, and food habits of cicadas was recorded. The association of cicadas' songs to weather conditions, as well as the use of these insects as toys by young children was also recorded. It is concluded that the traditional entomological knowledge of Pedra Branca's inhabitants about cicadas is rationally coherent with academic entomological knowledge, and thus it is important as a source of information about the local species, their biology and behavior.

Key words: Hemiptera, Cicadidae, cicadas, ethno-entomology, folk knowledge, Brazil.

Introdução

Os insetos, grupo animal numericamente dominante, causaram e continuam a causar impactos sociológicos nas diferentes culturas humanas não somente pela variedade quase infinita de cores, formas, tamanhos, modos de vida e sons que produzem, mas principalmente pelas epidemias disseminadas que muitas vezes influenciaram o curso da história humana, além de muitos serem considerados pragas agrícolas (Hogue, 1987; Gallo *et al.*, 2002). Apesar disso, esses organismos ainda são insuficientemente investigados no que se refere ao modo como são percebidos, classificados, conhecidos e utilizados pelas populações humanas (Jara, 1996), sendo geralmente considerados recursos marginais nos estudos sobre os usos dos vários recursos disponíveis (Nonaka, 1996). Blake & Wagner (1987) chamam a atenção dos entomólogos para a importância desse conhecimento entomológico tradicional como uma fonte significativa de informações sobre as espécies, seu ciclo de vida e seu comportamento.

As cigarras pertencem à superfamília Cicadoidea, onde incluem duas famílias Tettigarctidae e Cicadidae (Moulds, 2005), sendo que algumas espécies de Cicadidae são de importância econômica para o Brasil (Metcalfe, 1963). Os machos possuem o comportamento de produzir som para atrair as fêmeas das espécies, sendo que cada espécie produz um tipo específico de som. Sabe-se que este grupo de insetos é importante praga de plantas ornamentais

e cultivadas, principalmente no cafeeiro (*Coffea cf. arabica* L., Rubiaceae) (Martinelli & Zucchi, 1989a, 1989b, 1997). Os principais gêneros que ocorrem no Brasil são *Dorisiانا*, *Proarna*, *Quesada*, *Fidicina* e *Fidicionoides* (Martinelli, 1990; Martinelli & Zucchi, 1989a, 1989b, 1997; Boulard & Martinelli, 1996).

Não obstante sua classificação como praga, as cigarras têm uma participação significativa em diversos setores da cultura humana. Os antigos chineses colocavam jades funerárias no formato de cigarras sobre as línguas dos mortos, para induzir à ressurreição por magia simpática (Liu, 1992; Riegel, 1997). Como recursos alimentares, tanto adultos quanto ninfas são consumidos em diversas culturas. Entre os Ekagi, povo exemplo, as cigarras recém-emergidas são as mais apreciadas. As espécies popularmente denominadas de **dipi** (*Cosmopsaltria papuensis* Duffels, 1983) e **ditege** (*C. personata* Duffels, 1983 ou *Baeturia arabuensis* Blöte, 1960) não são consumidas porque acreditam que elas causam surdez (Duffels & Van Mastrigt, 1991). Os aborígenes da Austrália Central também costumam comer ninfas (*Tropha saccata* Fabricius, 1803) cruas ou cozidas (Turner, 1996). Na medicina as cigarras mostram-se importantes. Na medicina tradicional chinesa, a exúvia da cigarra *Huechys sanguinea* (De Geer) é usada como um agente vesicante. Ela é prescrita para enxaquecas e infecções auditivas. A cigarra atacada pelo fungo *Cordyceps sobolifera* (Hu) é

empregada em doenças pulmonares, tosses e doenças da garganta (Kritsky, 1987).

As cigarras possuem mesmo a capacidade particular própria que certos animais, objetos ou imagens têm de atrair as projeções psicológicas do homem. A força simbólica da cigarra está presente entre religiosos, escritores, poetas, escultores, pintores e cientistas que vêm retratando, através dos séculos, as visões ambíguas da vida do inseto: por um lado um ser divino, filósofo e artista; por outro, covarde e imprevidente (Duret, 1998/1999). No Budismo, parábolas sobre a história natural das cigarras servem de instrumento para o ensino desta doutrina (Cambefort, 1997). Em Fedra, Platão conta que certos homens, inebriados pela voz das Musas, esquecendo-se de beber e de comer, e embevecidos inteiramente pela preocupação de ouvi-las e imitá-las, acabaram por morrer de fome. Compadecidas, as Musas os metamorfosearam em cigarras, dando-lhes o dom precioso de viver sem comer, para que tivessem a liberdade de cantar a seu gosto (Mello-Leitão, 1935). Para os gregos, a cigarra pousada numa lira era o símbolo da música e seu canto era louvado pela inocência e serenidade (Mello-Leitão, 1935).

O presente artigo discute a percepção e as atitudes que os moradores do povoado de Pedra Branca, localizado no interior do Estado da Bahia, Nordeste do Brasil, têm sobre as cigarras.

Material e métodos

Os dados aqui apresentados fazem parte de um estudo mais amplo, cujo objetivo foi registrar a etnoentomologia dos moradores do povoado de Pedra Branca (Costa Neto, 2003). Este povoado se localiza na região centro-oeste do estado da Bahia, nas coordenadas 12°44'30''S e 39°34'50''W. Dista 202 Km da capital, Salvador, e cerca de 13 Km do município de Santa Terezinha, ao qual pertence, localizando-se no sopé da Serra da Jibóia.

O trabalho de campo foi desenvolvido no período de fevereiro a maio de 2001, totalizando-se 64 dias de convivência. Os dados foram obtidos mediante realização de entrevistas abertas (conversações livres) e semi-estruturadas (baseadas em uma lista de tópicos previamente escolhidos), recorrendo-se às técnicas usuais de registro etnográfico. As entrevistas foram feitas seguindo-se preceitos etnociêntíficos com enfoque emicista-etnicista balanceado (Sturtevant, 1964). Uma sessão durava, em média, cerca de uma hora. O universo amostral foi constituído de 26 homens e 38 mulheres, cujas idades variaram de 5 a 84 anos. Esse número reflete apenas aqueles entrevistados que forneceram informações sobre a cigarra.

Os objetivos da pesquisa eram explicados de maneira clara no início de cada nova entrevista, perguntando-se aos moradores se consentiam em prestar informações e serem eventualmente fotografados. Poucos foram os casos em que o indivíduo não quis participar, respeitando-se sua decisão. As entrevistas ocorreram em contextos individuais e coletivos, buscando-se sempre registrar as impressões nativas sobre o inseto. A maior parte das entrevistas foi registrada em fitas micro-cassetes. As transcrições semiliterais encontram-se mantidas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Os dados foram analisados segundo o modelo de união das diversas competências individuais (Marques, 1991).

Segundo este modelo, toda informação pertinente ao assunto pesquisado é considerada. Os controles foram feitos através de testes de verificação de consistência e de validade das respostas (Marques, 1991), recorrendo-se a entrevistas repetidas em situações sincrônicas e diacrônicas. As primeiras ocorrem quando uma mesma pergunta é feita a pessoas diferentes em tempos bastante próximos e as segundas, quando uma pergunta é repetida à mesma pessoa em tempos bem distintos.

A realização de testes projetivos, os quais consistiram na apresentação de espécimes coletados aos informantes, ajudou a registrar as impressões nativas sobre a cigarra. Os espécimes coletados foram processados conforme os padrões usuais de coleções para museus e depositados no acervo da coleção de entomologia da UEFS.

Resultados e Discussão

“Canta, cigarra, que o canto é teu.
Canta, cigarra, vive alegre como eu”.
(Dona V., 54 anos).

Pelo menos três etnoespécies de cigarras foram citadas pelos entrevistados: cigarra-cecília, cigarra-cocó e cigarra-do-morro. De acordo com a descrição fornecida, a cigarra-cecília é a menor das três (“pequinitica”), tem coloração verde, bastante “cantadeira” e é vista pousada na palmeira-licuri (“Gosta muito do pé de licuri”, Dona N., 54 anos). Consideram-na “lindinha”. A cigarra-cocó é grande, cinzenta e vista pousada nos galhos da jerema (*Acacia jerema?*): “Gosta muito do pé de jerema” (Dona E., 55 anos). Já a cigarra-do-morro é a maior de todas e seu “casco” (tegumento externo) é mais grosso. O modo como as etnoespécies são diferenciadas pode ser apreciado no seguinte trecho de entrevista:

“Maior, menor, modelo diferente também. Porque tem essa que canta que a gente vê que ela faz. Essa eu já vi. Que eu cavando o solo, aí achei a filhota. Que quando ela sai, que chega, que a gente acha no pau, que ela poca, já sai aquela outra. Tem uma pequenininha que canta no cajueiro também, que aquela deve ser também do solo. Tem outra também pintadinha que canta *ixéu, ixéu, ixéu, ixéu*. Tem esses três tipos de cigarra, só que cada um tem seu modelo” (Seu E., 62 anos).

Registrou-se a topografia corporal baseando-se em um desenho esquemático com o objetivo de saber como os indivíduos denominam as partes externas. Por exemplo, antenas também são chamadas de chifres ou barbas; as pernas são rotuladas de pés ou patas; o abdome geralmente é denominado de barriga. Dependendo da habilidade de observação do indivíduo e do tamanho das estruturas corporais dos insetos, às vezes determinadas partes não são conhecidas e/ou nomeadas (Fig. 1).

O “canto” ou “suveio” das cigarras é apreciado, mas há indivíduos que se sentem incomodados pelo som que esses insetos produzem: “A cigarra é enjoada” (V., 17 anos). E quando alguém está cantarolando muito, às vezes se diz: “Eita! Tu canta igual à cigarra” (Dona M., 55 anos). É justamente a capacidade que esses insetos têm de produzir som que mais chamou a atenção dos informantes porque muitos acreditam que as cigarras são amaldiçoadas e que “cantam” até racharem pelas costas:

“Já a cigarra, menino, eu não sei que segredo é da cigarra. Ela fica cantando até rachar pelas costas. Você viu? Não racha nas costas? A gente acha ela rachada” (Dona E., 66 anos).

“Parece assim que é um negócio encantado. Elas tão cantando. Tem tempo aí que elas poca toda. Deixa as casca. Elas entra pra debaixo da terra. Só sai tempo de festa, Natal, Reis” (Dona P., + 70 anos).

As explicações para o suposto fim trágico das cigarras são transmitidas de geração a geração por meio de pequenas histórias que contam a razão pela qual esses insetos estouram pelas costas, como uma informante deixou bem claro: “Meus mais velhos contava que diz que ela canta, canta, canta até que estoura. Ela seca e a gente acha a casca dela” (Dona M., + 60 anos). Existem diferentes versões, uma vez que cada indivíduo narra as histórias de seu próprio jeito. Segundo os contistas, as cigarras estouram devido a uma praga materna ou a um castigo divino:

“A cigarra cantava, cantava. Aí, a mãe chamou: ‘Ô minha filha, vem cá!’ A filha disse: ‘Eu não vou lá não, mãe, que eu tô cantando minhas férias’. Aí, a mãe disse: ‘Pois tu fica cantando até tu pocar pelas costas!’” (Dona M., + 60 anos).

“Dizem que Nossa Senhora pediu um favor a ela e ela disse que não ia tratar. Aí, Nossa Senhora disse que era para ela cantar até pocar pelas costas. É por isso que poca pelas costas” (Dona E., 66 anos).

“Diz que Nossa Senhora chamou as cigarras para ajudar a lavar as roupas (do Menino Jesus), mas as cigarras se recusaram a ir, pois estavam cantando, estavam em festa. Aí, como castigo, elas cantam até pocar pelas costas” (Dona M., 73 anos).

Mas nem todos os moradores compartilham das mesmas crenças, como se nota nos dois trechos a seguir: “A cigarra chega a uma certa idade que ela tem de trocar aquela capa. Eu não acho que ela canta até pocar não. Isso é lenda” (Dona C., 33 anos); “Ela descasca e sai outra nova. Aquela casca é a casca dela mesma. Cobra não despela? Não fica a pele dela certinha? Pra mim, cigarra também é assim” (Dona M., + 60 anos). Estourar pelas costas não significa necessariamente o fim para as cigarras. Sendo insetos “encantados”, ao estourarem se transformam em bule-bules (como são conhecidas as pupas de Lepidoptera, especialmente as de Sphingidae): “Cigarra poca pelas costas e gera um bule-bule” (Seu J., 34 anos). Este, segundo a opinião local, pode dar origem a diferentes insetos: mariposas, borboletas e mesmo cigarras.

A observação de que cigarras cantam até racharem pelas costas também é observada em diferentes regiões do Brasil, bem como em outros países. Ihering (1963) documentou que quando as cigarras cantam em desafio, esforçam-se tanto para vencer umas às outras que acabam rachando e morrendo. Em Cingapura, as cigarras são chamadas de **rahaia**, termo que significa cem noites. Segundo a crença local, os insetos cantam durante todo esse tempo e logo após rebentam (Santos, 1982). Outros povos estão mais atentos ao ciclo de vida das cigarras. Os Ekagi, por exemplo, sabem que as ninfas emergem do solo durante a noite e que a ecdise ocorre pela abertura da pele ninfal na superfície dorsal. Eles sabem que as exúvias nos troncos das árvores são os restos de um estágio anterior ao inseto adulto (Duffels & van Mastrigt, 1991).

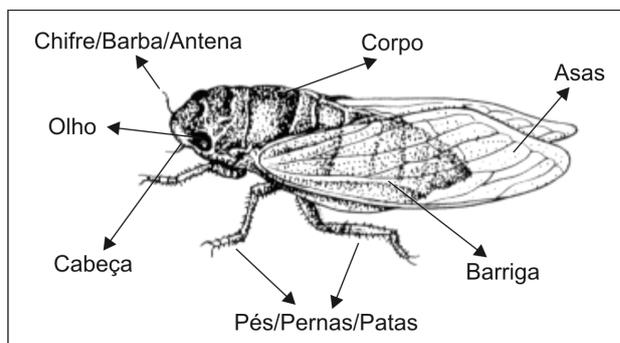


Fig. 1. Topografia corporal de uma cigarra (Hemiptera: Cicadidae) de acordo com os termos apontados por cinco informantes. Desenho extraído de Revel (1990).

Na opinião dos entrevistados, existem cigarras que cantam e cigarras que não cantam porque são surdas-mudas. Tal fato foi relacionado ao sexo do inseto, com moradores expressando informações contraditórias: “O macho é quem canta. A fêmea é muda” (E., 13 anos); “A que canta é a fêmea” (Dona G., 48 anos); “Toda cigarra canta” (Dona M., 55 anos). Para acalmar toda essa discussão, a literatura diz que apenas os machos produzem som. Esse fato levou Xenarque de Rodes (século IV a.C.) a escrever: “Felizes as cigarras cujas fêmeas são mudas!” (Santos, 1982, p. 158). O que se costuma chamar de “canto” é na realidade a versão instrumental de um estribilho cansativo. Diferentemente dos grilos, gafanhotos e esperanças que estridulam esfregando diversas partes de seus corpos (asas, patas etc.), os machos das cigarras dispõem de um verdadeiro instrumento musical, fenômeno excepcional no mundo animal (Mondon, 2000). O som estridente é produzido por meio de um aparelho especial situado na face ventral da base do abdome que se parece com um tambor (Ihering, 1963). São as vibrações do abdome que modulam as estrofes do “canto” das cigarras. O som produzido é espécie-específico: “A maioria dos machos produz chamamentos (*calling songs*) para atrair as fêmeas de sua espécie” (Sanborn & Maté, 2000, p. 141). Interessante registrar que a palavra cigarra vem do latim **cicada**, que é composta de duas palavras gregas: **kiccós**, que significa membrana, e **adô**, que significa algo como eu canto; portanto, a membrana que canta (Mondon, 2000).

Em Pedra Branca, registrou-se a informação de que “quando a lua tá bonita ela canta” (Dona P., + 70 anos). De fato, se as condições meteorológicas são favoráveis, as cigarras permanecem ativas à noite. Sanborn (2002) observou cigarras periódicas (*Magiccada* sp.) cantando à noite quando o tempo estava quente e era lua cheia. De acordo com este autor, o calor é necessário para que os insetos possam produzir o som (o nervo e o músculo dependem da temperatura) e a lua cheia parece fornecer luz suficiente para simular o entardecer quando a espécie normalmente “canta”. O pesquisador diz ainda que os níveis de luz estão correlacionados com o tempo da iniciação do coro ao entardecer; desse modo, a combinação de temperatura ambiente elevada e baixos níveis de luz podem “confundir” as cigarras e elas chamarem à noite. Sanborn *et al.* (1995) verificaram a atividade diurna, as respostas à temperatura e a endotermia de três espécies da América do Sul: *Quesada gigas* (Oliv., 1790), *Fidicina mannifera* (Fabr., 1803) e *Dorisiana bonaerensis* Berg, 1879.

Ainda no que se refere ao chamamento das cigarras, há indivíduos que associam esse comportamento à previsão de condições meteorológicas e ao verão, uma vez que esses insetos indicam “quando tá perto de trovejar, que vai chegando o verão” (P., 18 anos). Diferentes culturas associam a atividade das cigarras com os períodos de inverno e/ou verão. No Japão, diferentes nomes de artrópodes, tais pulga, mosca, mosquito, vaga-lume, aranha e cigarra-do-pinheiro, são empregados metaforicamente como sinônimos de verão (Dunn, 2000). Para os índios Yukpa que vivem na Amazônia colombiana, as cigarras desempenham um papel importante no ciclo de cultivo como indicadoras de mudanças climáticas. A semeadura do milho tem início quando a **tipaina** começa a “cantar”. Quando a “cantiga” acaba, os Yukpa sabem que a estação chuvosa chegou (Ruddle, 1973). Em Zâmbia, a emergência de cigarras adultas é considerada como um indicativo de que a estação das águas está próxima. Os agricultores começam, então, a preparar os campos para o cultivo. O grau de intensidade do canto indica a quantidade de chuva que cairá. Quanto mais alto for o som, mais chuva é esperada (Mbata, 1999). Para os membros da etnia Hñähñu que vivem no estado mexicano de Hidalgo, *Proarna* sp. anuncia quando o dia começa a esquentar porque inicia seu chamamento às dez horas (Maya, 2000). Por outro lado, cigarras são um mau sinal para o povo Kalam da Nova Guiné quando cantam no horário errado do dia ou muito próximas das casas (Bulmer, 1968).

Segundo os entrevistados, a época do ano que as cigarras aparecem e ficam ativas vai de dezembro a março: “No mês de janeiro, dezembro, ela começa a cantar, a aparecer. De março em diante ela começa a se enterrar. Aí, a gente só vê as casca aberta assim na terra” (Dona L., 57 anos). Esse período coincide com a floração dos cajueiros (“O tempo da cigarra é o tempo do cajueiro botar flor e dar o caju”, Seu M., 68 anos) e também com as festas natalinas (“As cigarras aparecem no Natal, no mês das festas”, Dona M., 73 anos). Não é por acaso que as cigarras surgem nos meses mais quentes do ano, uma vez que a temperatura mostrou ser um parâmetro ambiental importante na regulação da produção de som e, conseqüentemente, na reprodução (Sanborn & Maté, 2000). No “inverno”, por outro lado, elas desaparecem (“Agora é inverno. Tão tudo debaixo do chão. Elas arrancam as asa e enterram no chão”, Seu A., + 40 anos). Alguns informantes, no entanto, afirmaram que a cigarra surge a partir de setembro; outros, que ela “chia o tempo todo” (Seu A. J., 74 anos).

Sobre o conhecimento da ecologia trófica das cigarras, poucos foram os entrevistados que citaram a “resina” (seiva) do cajueiro como fonte alimentar. Ao contrário, muitos crêem que a cigarra não se alimenta: “Ninguém vê uma cigarra comendo nada. Só é cantando até ela pocar” (Seu J., 34 anos). As cigarras são insetos fitófagos, nutrindo-se exclusivamente de seiva. Elas introduzem seu aparelho bucal através do revestimento do caule das plantas, sugando-lhes o floema. No entanto, a noção de que elas se alimentam de ar pode ter derivado da observação do grande espaço vazio em seu abdome (Egan, 1997).

Por outro lado, a cigarra foi citada como uma das pragas do cafeeiro, como demonstra o seguinte trecho: “É uma lavra que no lugar que ela tá, pode cavar a madeira que ela tá e a casa está. No lugar que ela tá pousada, pode cavar no redor da madeira que as casa dela tão debaixo. Pé de café elas fica. Elas matam a madeira” (Dona E., 34 anos). Ihering (1963)

relatou que as ninfas de várias espécies de cigarras escavam galerias pela terra, ao longo das raízes do cafeeiro e de outras plantas, sugando-lhes a seiva e, conseqüentemente, depauperando-as. O naturalista A. Hempel certa vez contou 400 larvas em um só cafeeiro (Santos, 1985). A literatura registra onze espécies de cigarras como pragas do cafezal (Martinelli e Zucchi, 1997, Santos, 2008). Esses autores chamam a atenção para o fato desses insetos terem sua importância econômica aumentada devido à expansão da cultura cafeeira, principalmente no cerrado.

De acordo com os informantes, os principais inimigos naturais das cigarras são as aves: “Todos os passarinho bate ela pra matar pra se alimentar” (Seu M., 68 anos); “Eu tenho raiva é do bem-te-vi, que come ela. Aquele nojento!” (Seu A., + 40 anos). Além das aves, formigas, gafanhotos e louva-a-deus também predam cicadídeos (Mondon, 2000).

Quanto ao aspecto comportamental da interação dos moradores de Pedra Branca com a cigarra, houve um registro inusitado sobre os efeitos negativos da ação direta desse inseto sobre o bem-estar humano. Segundo uma moradora, se a cigarra “urinar nas vistas da pessoa, causa cegueira. Ela solta aquela água. Dá aquela seringada” (Dona M., 59 anos). Esta citação provavelmente se explica pelo hábito que cicadídeos têm de expelir um jato de urina quando fogem de um predador em potencial (Mondon, 2000). No interior do Amazonas, as gotas que a cigarra libera quando é segurada são misturadas em um pouco de água e dadas à criança para beber para que tenha voz bonita no futuro (Lenko e Papavero, 1996).

Mesmo que a cigarra venha a causar algum possível transtorno à saúde, ela é motivo de divertimento especialmente por parte das crianças, que brincam com cigarras e outros insetos. No final da brincadeira, os insetos freqüentemente terminam mortos. Ainda como atividade lúdica, registrou-se uma variação da fábula “A Formiga e a Cigarra”, de Esopo:

“Tem a cigarra que foi pedir comida à formiga. Aí, a formiga respondeu: ‘No tempo estiado, o que que você fazia?’ Ela disse: ‘Eu andava cantando de noite e de dia’. Aí, a formiga disse: ‘Agora você dança, vizinha’. A formiga deixou a pobre chorando” (Dona L., + 70 anos).

Conclusão

Os moradores do povoado de Pedra Branca demonstram possuir um relativo conhecimento sobre as espécies de cigarras com as quais convivem e interagem. Seu conhecimento entomológico tradicional inclui aspectos de taxonomia, biologia, hábitat, ecologia, sazonalidade, fenologia e comportamento. Este conjunto complexo de sentimentos, pensamentos e comportamentos direcionados aos insetos traduz-se em um recurso valioso que deve ser considerado tanto nos processos de desenvolvimento da região, como na possível transformação da área em algum tipo de Unidade de Conservação, quanto em estudos de inventário da fauna local.

Agradecimento

O autor agradece a participação de todos os moradores entrevistados, sem os quais este trabalho não teria sido possível. Também agradece ao Dr. Rodrigo Souza Santos, pelos comentários e sugestões que muito enriqueceram a qualidade do texto.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, E. N. 1996. *Ecologies of the heart: emotion, belief, and the environment*. Oxford: Oxford University Press.
- BLAKE, E. A. & M. R. WAGNER 1987. Collection and consumption of pandora moth, *Coloradia pandora lindseyi* (Lepidoptera: Saturniidae), larvae by Owens Valley and Mono Lake Paiutes. *Bulletin of the Entomological Society of America*, **33**(1): 23-27.
- BULMER, R. N. H. 1968. Worms that croak and other mysteries of Karam natural history. *Mankind*, **6**(12): 621-639.
- CAMBEFORT, Y. 1997. Beetles as a religious symbol. Disponível em: <http://www.insects.org/ced2/beetles_rel_sym.html>. Acesso em: 18 dez. 1997.
- CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÃO. 1994. *Informações básicas dos municípios baianos: recôncavo sul*. Salvador: Governo do Estado da Bahia.
- COSTA NETO, E. M. 2003. *Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos*. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). São Carlos: UFSCar.
- DUFFELS, J. P. & H. J. G. VAN MASTRIGT. 1991. Recognition of cicadas (Homoptera, Cicadidae) by the Ekagi people of Irian Jaya (Indonesia), with a description of a new species of *Cosmopsaltria*. *Journal of Natural History*, **25**(1): 173-182.
- DUNN, R. R. 2000. Poetic entomology: insects in Japanese haiku. *American Entomologist*, **46**(2): 70-72.
- DURET, E. 1998/1999. La cigale et l'homme: de la biologie au symbole. *EPHE, Biologie et Evolution des Insectes*, **11/12**: 3-10.
- EGAN, R. B. 1997. Cicadas in ancient Greece: ventures in classical tettigology. Disponível em: <http://insects.org/ced3/cicada_chfolk.html>. Acesso em: 23 dez. 1997.
- GALLO, D., O. NAKANO, S. SILVEIRA-NETO, R.P.L. CARVALHO, G. C. BAPTISTA, E. B. FILHO, J. P. P. PARRA, R. A. ZUCCHI, S. B. ALVES, J. D. VENDRAMIM, L. C. MARCHINI, J. R. S. LOPES & C. OMOTO. 2002. *Entomologia agrícola*. Piracicaba: FEALQ.
- HOGUE, C. L. 1987. Cultural entomology. *Annual Review of Entomology*, **32**: 181-199.
- IHERING, R. von. 1963. *Da vida dos nossos animais: fauna do Brasil*. 4ª ed. São Leopoldo: Rotermond.
- JARA, F. 1996. La miel y el aguijón. Taxonomía zoológica y etnobiología como elementos en la definición de las nociones de género entre los Andoke (Amazonia colombiana). *Journal de la Société des Américanistes*, **82**: 209-258.
- KRITSKY, G. 1987. Take two cicadas and call me in the morning. *Bulletin of the Entomological Society of America*, **33**(3): 139-141.
- LENKO, K. & N. PAPAVERO. 1996. *Insetos no folclore*. São Paulo: Plêiade/FAPESP.
- LIU, G. Z. 1992. The history of research on and the utilization of Cicadidae in China. *Chinese Journal of Entomology*, **8**: 1-43.
- MARTINELLI, N. M. & R. A. ZUCCHI. 1989a. Cigarras associadas ao cafeeiro. II. Gênero *Fidicina* Amyot & Serville, 1843 (Homoptera, Cicadidae, Cicadinae). *Anais da Sociedade Entomológica do Brasil*, **18**(1): 5-12.
- MARTINELLI, N. M. & R. A. ZUCCHI. 1989b. Cigarras associadas ao cafeeiro. III. Gênero *Dorisiana* Metcalf, 1952 (Homoptera, Cicadidae, Cicadinae). *Anais da Sociedade Entomológica do Brasil*, **18**(1): 5-12 (supl.).
- MARTINELLI, N. M. & R. A. ZUCCHI. 1997. Primeiros registros de plantas hospedeiras de *Fidicina mannifera*, *Quesada gigas* e *Dorisiana drewseni* (Hemiptera: Cicadidae). *Revista de Agricultura*, **72**(3): 271-281.
- MARQUES, J. G. W. 1991. *Aspectos ecológicos na etnoictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino-lagunar Mundau-Manguaba*. Tese (Doutorado em Ecologia). Campinas: UNICAMP.
- MAYA, E. M. A. 2000. *Estudio etnoentomológico de la comunidad Hñähñu, El Dexti – San Juanico, Ixmiquilpan, Hidalgo*. Iztacala: UNAM.
- MBATA, K. J. 1999. Traditional uses of arthropods in Zambia: II. Medicinal and miscellaneous uses. *The Food Insects Newsletter*, **12**(2): 1-7.
- MELLO-LEITÃO, C. DE 1935. *A vida maravilhosa dos animais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- METCALF, Z. P. 1963. *General catalogue of the Homoptera, Cicadoidea, Parts 1-2*. Raleigh: Waverly Press.
- MONDON, B. 2000. *Petite anthologie de la cigale*. Barbentane: Éditions Équinoxe.
- MOULDS, M. S. 2005. An appraisal of the higher classification of cicadas (Hemiptera: Cicadoidea) with special reference to the Australian fauna. *Records of the Australian Museum*, **57**(3): 375-446.
- NONAKA, K. 1996. Ethnoentomology of the Central Kalahari San. *African Study Monographs*, **22**: 29-46.
- REVEL, N. 1994. *Fleurs de paroles: histoire naturelle Palawan I: lens dons de Nagsalad*. Paris: Editions Peeters.
- RIEGEL, G. 1997. The cicada in Chinese folklore. Disponível em: <http://insects.org/ced3/cicada_chfolk.html>. Acesso em: 23 dez. 1997.
- RUDDLE, K. 1973. The human use of insects: examples from the Yukpa. *Biotropica*, **5**(2): 94-101.
- SANBORN, A. F. 2002. About cicada's calling at night [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <asanborn@mail.barry.edu> Acesso em: 12 set 2002.
- SANBORN, A. F. & S. MATÉ 2000. Thermoregulation and the effect of body temperature on call temporal parameters in the cicada *Diceroprocta olympusa* (Homoptera: Cicadidae). *Comparative Biochemical & Physiology*, **125**: 141-148.
- SANBORN, A. F. *et al.* 1995. Diurnal activity, temperature responses and endothermy in three South American cicadas (Homoptera: Cicadidae: *Dorisiana bonaerensis*, *Quesada gigas* and *Fidicina mannifera*). *Journal of Therm. Biology*, **20**(6): 451-460.
- SANTOS, E. 1985. *Os insetos*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- SANTOS, E. 1982. *Os insetos (vida e costumes)*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- SANTOS, R. S. 2008. Quase oculta. *Revista Cultivar Grandes Culturas*, **105**: 28-30.
- STURTEVANT, W. C. 1964. Studies in ethnoscience. *American Anthropologist*, **66**(3): 99-131.
- TURNER, M. M. 1996. *Bush foods: Arrernte foods from Central Australia*. Alice Springs: IAD Press.